

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Departamento de Artes Visuais

Projeto de Graduação
Ênfase: Fotografia

A FRAGMENTAÇÃO DE UM LUGAR
uma história recontada através da dispersão dos bancos do Antigo Auditório Araújo
Vianna

JÉSSICA FONSECA DO COUTO

Orientador: Prof. Doutor Eduardo Vieira da Cunha
Banca de Avaliação: Prof. Doutora Paula Viviane Ramos
Prof. Mestre Rodrigo Nunes

PORTO ALEGRE 2009

JÉSSICA FONSECA DO COUTO

A FRAGMENTAÇÃO DE UM LUGAR
uma história recontada através da dispersão dos bancos do Antigo Auditório Araújo
Vianna

Projeto de Graduação apresentado como requisito parcial à obtenção de grau de
Bacharel em Artes Plásticas com ênfase em Fotografia, Curso de Graduação em
Artes Visuais, Instituto de Artes do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Doutor Eduardo Vieira da Cunha

Porto Alegre 2009

Dedico este trabalho a cidade de Porto Alegre e a todos que a estudam e preservam.

Agradeço a minha mãe Terezinha e ao Matheus Hernandes. Ao apoio e estímulo dos amigos: Roberta Prestes, Aline Araújo, Vanessa Seibel e Caroline Carnieli.

Ao pessoal da SMAM: Dirnei, Silvia, Ana Maria, Waldir e Arquiteta Ana Maria Godinho Germani. Também a Juliana Gehlen e Osmar Rodigheri do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho - pela atenção e colaboração.

Aos professores da banca examinadora Paula Ramos e Rodrigo Nunes. E ao professor Eduardo Vieira da Cunha que através de seu envolvimento e seus esclarecimentos colaborou significativamente para este trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 O PERCURSO DOS BANCOS: AUDITÓRIUM	8
1.1 Seus Novos Lugares e Seu Novo Tempo	11
1.2 Coleção, Fragmento e Destruição	13
2 APROXIMAÇÕES ENTRE A DISPERSÃO DOS BANCOS E O PROCESSO ARTÍSTICO	16
2.1 Guaritas e Bancos: vestígios do tempo	16
2.2 Bernd & Hilla Becher	17
2.3 Ruínas: Matta Clark e Fernanda Manea	19
3 O TRABALHO COMO PROCESSO	22
3.1 A destruição como fragmento da dispersão	23
3.2 A recuperação:	24
3.2.1 De arquivos	24
3.2.2 Arqueológica	24
3.3 A exposição	25
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
<u>ANEXO 1</u>	29
<u>ANEXO 2</u>	30
<u>ANEXO 3</u>	301

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Auditório Araujo Viana.....	8
Figura 2: Série Redenção - Ruínas, Jessica Couto, 2009.....	12
Figura 3: Série Redenção - Cotidiano, Jessica Couto, 2009	12
Figura 4: Série Redenção - Cotidiano II, Jessica Couto, 2009	13
Figura 5: Fragmentos. Jessica Couto, 2009.....	13
Figura 6: Assembléia Legislativa do RS, 1958 Foto: Calovi.....	15
Figura 7: “Guaritas” - Foto: Elaine Tedesco	16
Figura 8: Hilla e B. Becher: Gasômetros (Bélgica, Alemanha, Inglaterra, EUA - 1965-1992) e Caixas d'água (Bélgica, Alemanha, França , Itália - 1966-1986)	18
Figura 9: Eugene Atget	18
Figura 10: Série Otávio Rocha – Detalhe, Jessica Couto, 2009	19
Figura 11: Intervenção - Fernanda Manéa, setembro, 2009	20
Figura 12: Interior dos cortes da construção/demolição de Conical Intersectl	21
Figura 13: Série Redenção - Ruínas II, Jessica Couto. 2009.....	21
Figura 14: Série Redenção - Cotidiano III, Jessica Couto. 2009	22
Figura 15: A destruição da Concha - TOMASI; DEROSSO, 1994	23

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título “A Fragmentação de um Lugar” - uma história recontada através da dispersão dos Bancos do Antigo Auditório Araújo Vianna. Essa pesquisa já vinha sendo feita de maneira espontânea, há uns cinco anos, com a contagem e identificação destes elementos durante caminhadas e passeios pela cidade.

Dessa forma, a conclusão do curso Artes Visuais surgiu como possibilidade de sistematizar uma exploração artística cultural mais específica, através do registro poético fotográfico.

A presente pesquisa apresenta-se em forma de coleção fotográfica, que reconstitui o Antigo Auditório - criado em homenagem ao compositor porto-alegrense destacando o cenário musical do estado transição para o século XX.

Esse local possuía mais de 400 bancos e uma concha acústica de concreto proporcionando duas ou três vezes por semana apresentações da Banda Municipal entre outros. Além de oportunizar o acesso de pessoas de todas as classes sociais a apresentações musicais. No ano de 1959 iniciou-se a retirada dos bancos para completar-se o processo de destruição e assim ser construído o prédio que abrigaria o poder legislativo: Palácio Farroupilha.

O tema da pesquisa percorre um lugar que não existe mais; no entanto persiste em fragmentos da cidade. Segundo Michel de Certeau (1994), um lugar implica uma indicação de estabilidade, uma configuração instantânea de posições e é a ordem segundo a qual se distribuem elementos na relação de coexistência.

A concha acústica com seu auditório a céu aberto e seu número grandioso de bancos de pedra artísticos, além de constituírem um lugar, formavam um espaço específico e singular. Já que o espaço exige um conjunto de movimentações refletindo as operações que o orientam, o circunstanciam e o levam a existir como lugar-praticado, conforme definição de (CERTEAU,1994).

Este lugar significativo da nossa cidade não resistiu até os anos 80, época em que se iniciou um interesse pelo processo de resgate e estudo dos bens histórico-culturais do Município a fim de resguardá-los, conservá-los através de tombamentos e ações de conservação.

Os recortes fotográficos investem na remontagem de uma memória do que foi destruído através dos fragmentos coletados no processo de pesquisa. Assim como no processo artístico a destruição origina a transformação-necessária a qualquer tipo de criação. Que significado nos pode nos trazer a presença destes (bancos) vestígios do passado que resistem como ruínas em qualquer parte da cidade?

Como método de sobrevivência na capital e moradora do Bairro Centro, desde pequena fui instruída a situar-me. O meu percurso sempre valorizou os nomes de onde estava pisando: Rua Coronel Vicente, Avenida Alberto Bins, Túnel Conceição, Rua Otávio Rocha, Rua Marechal Floriano Peixoto, Rua Coronel Genuíno, Rua Vigário José Inácio, José Montaury entre outros. Podemos ver que não eram nomes simples para exercitar a memória de uma criança e isso foi constituindo meu pensamento de cidade e meus mapas abstratos; principalmente quando os livros de história começaram mostrar as ações e feitos desses nomes que para mim até aí eram ruas. Nesta atual pesquisa, enfim descobri como alguns personagens da história de Porto Alegre obtiveram destaque proporcionando nome a algumas ruas da cidade.

1 O PERCURSO DOS BANCOS: AUDITÓRIUM



Auditorio Araujo Viana
Acervo da Fototeca do Museu Joaquim Felizardo

Minha ação plástica está subordinada a uma idéia: a criação de um sistema de busca e seu cumprimento.

Quem quer que passasse pelas redondezas do Auditorium, hontem, teria a impressão perfeita de que toda a cidade lá se encontrava. E é nessa multidão que estava, pode-se dizer, o sucesso da festa. Desde cedo os bondes de arrebaldes mais distantes começaram a transportar gente para o Centro.

Correio do Povo 02-05—37,p.14
(TOMASI; DEROSSO, 1994)

O período em que a concha acústica do Auditorio Araujo Vianna ecoou suas ondas sonoras foi um tempo quando os casarões antigos eram símbolos da pobreza e do atraso. A urbanização, a abertura de avenidas largas, o tratamento de água e a iluminação pública nos tornariam mais próximos de uma metrópole. Otávio Rocha, intendente (prefeito) de Porto Alegre durante 1924-1928, ficou conhecido

como o “reformador” já que aderiu a essa concepção de modernidade que se instalava no desenvolvimento urbano; não subtraindo da cultura neste tempo e foi o idealizador do auditório em questão.

Dr. Pereira da Silva, médico e músico, trouxe de sugestão ao amigo Otávio Rocha de um auditório aberto com concha acústica, projeto que conheceu numa viagem pela Alemanha. Trouxe até mesmo uma fotografia que serviu de modelo para o projeto elaborado por José Wiederspahn e Armando Boni.

Aos dezenove dias do mês de novembro de 1927, foi inaugurado o Auditório, localizado ao lado da Praça da Matriz, com capacidade para acomodar 1200 pessoas. A inauguração teve início às vinte horas e contou com a presença de autoridades, entre elas, o então Presidente do Estado, Borges de Medeiros.

(TOMASI; DEROSSO, 1994)

No exercício de abstração que proponho podemos subtrair mentalmente o atual Palácio Farroupilha e mobiliar a antessala do poder com nossos mais de 400 bancos de concreto - qualquer cor - singelamente moldados com ornamentos. Acrescentar porto-alegrenses freqüentando a qualquer horário aquele espaço rodeado de verde. Um cidadão, apreciador ou usuário do espaço que se dispõe de um tempo, um tempo para caminhar entre os bancos e escolher o lugar mais aprazível. Talvez aos nossos olhos um cidadão que tem o tempo nas mãos e se apropria de um espaço que é seu, era seu.

O tempo de sentar, de procurar o pensamento, de conversar, de descansar e de exercitar a observação; já que não podemos esquecer a localização privilegiada escolhida para o auditório sendo a acrópole da cidade, ponto mais alto e seguro em que por tradição se escolhe para situar-se o templo da religião segundo a tradição grega. Na realidade podia-se ouvir música ao vivo com vista para o Lago Guaíba.

Havia o horário marcado para apresentações da Banda Municipal; as retretas aconteciam às quartas-feiras e aos domingos. No inverno no meio da tarde e no verão no final da tarde. Conforme pesquisa, consta que os concertos da Banda Municipal poderiam ser ouvidos tanto na cidade de São Paulo como em Montevideo; pois eram transmitidos pela Rádio Gaúcha. Ali o Auditório Araújo Vianna viabilizava

o acesso à música a todas as classes sociais, além de ser mais um espaço de cultura na cidade que contava com poucos.

Decio Andriotti (in TOMASI; DEROSSO, 1994) nos afirma que “freqüentavam (...) músicos, professores, estudantes, povo, gente de povo simples. O gosto pela música não escolhe classe social.”

Tempo marcado foi o tempo em que suas vibrações sonoras ecoaram pelas voltas do Centro da cidade. Um período de tempo que ficou nas fotos e na experiência de quem viveu e passou por lá. Seja por ter assistido algum concerto ou ensaio da Banda Municipal, seja por ter corrido por entre os bancos como uma brincadeira de criança que aproveita a intensidade dos momentos sem saber bem como será o futuro. Será que alguém podia ter imaginado que destruiriam uma construção de tais proporções?

No mês de outubro de 1960, o primeiro passo antes da demolição da concha acústica foi a retirada dos bancos. Em sete anos a Assembléia legislativa seria concluída desconstituindo totalmente o lugar que era. Uma praça que perdurou pelo espaço de tempo aproximado de 30 anos.

O antigo prédio do poder Legislativo localizado na Rua Duque de Caxias apresentava condições precárias de uso e a idéia de congregar na mesma localidade os três poderes impuseram-se ao Auditório que estamos por este trabalho tentando reconstituir através de seus vestígios concretos.

Assim, tratando-se da concepção da época em que o progresso está associado ao novo num pensamento da modernidade, foi no dia 20 de setembro de 1967, inaugurado o Palácio Farroupilha assinado por Gregório Zolko e Wolfgang Schoedon, para a sede da Assembléia Legislativa. Na publicação de 30 Anos Auditório Araújo Vianna, 1994 foi a fonte em que há maior concentração de informações nesse determinado assunto, inclusive notas de jornais da época como esta transcrita a seguir, classificada como uma nota distoante do enfoque dado na época.

Esta é a realidade. Em breve, teremos a nossa Assembléia, que nos colocará com foros de cidade civilizada. Mas este passo rumo ao progresso nos custa um pedaço de terra, que deixa de nos ser útil, após ter lavrado acontecimentos inolvidáveis da capital dos pampas.

Correio do povo, 21-07-60, p.4
(TOMASI; DEROSSO, 1994)

Entre negociações e acordos Estado e Município dividiram responsabilidades. O acordo previa que o antigo Auditório só seria demolido após a construção do novo, mas devido à pressão por parte dos deputados e da imprensa o acordo foi modificado. No dia 13 de outubro de 1960, foi lançada a pedra fundamental do Auditório que pretendia substituir o existente na Praça Mal. Deodoro da Fonseca. Previa-se um curto espaço de tempo para sua conclusão ,mas,foi em março de 1964 que o novo Auditório Araújo Vianna passou a funcionar no Bom Fim junto ao Parque Farroupilha. Por fim se concretizou a reconstrução do auditório em condições mais modernizantes, e aumentando a capacidade de público. A própria terra da Rua Duque de Caxias, espaço onde o auditório foi retirado, foi aproveitada no terreno: grande várzea que caracteriza a área do Parque. Talvez aquela areia tenha se esforçado em carregar a mesma atmosfera romântica e o mesmo espírito de jardim como depoimento do tempo em que viveu para constituir o novo espaço. O novo Araújo Vianna viria a passar ainda por adaptações em sua construção, cobertura de sua área livre, complicações com vizinhança e até mesmo receios no período da ditadura de que ele significava uma foice e um martelo visualmente.

Enfim, é nesse período que concretiza-se a diáspora dos múltiplos bancos de concreto que faziam parte dos terraços ajardinados do Auditório.

1.1 Seus Novos Lugares e Seu Novo Tempo

Foi curto o período em que este espaço/lugar temporalizou e privilegiou cidadãos de se apropriarem da cidade e fazerem parte de um ponto turístico. Um local sintonizado com a fruição artística por sua localização constituir um cartão postal para cidade. Ficava ao lado o Teatro São Pedro, que resistiu a esse tempo de demolições. [Anexo 1]

O presente trabalho buscou refazer a trajetória dos bancos investigando informações nas Secretarias de Porto Alegre – Meio Ambiente, Cultura, e de Planejamento. Foi extensa a movimentação prática de busca de contatos, telefones, bibliotecas, e órgãos públicos. Mas foram nas saídas de campo (momento reservado

para fotografar) que constatei a inserção natural destes exemplares antigos na contemporaneidade.

Sem muitas perguntas os usuários de praças e parques, utilizam os assentos. Ver esta atitude torna-se inquietante para mim, daí a necessidade de realizar essa recomposição plástica através das fotografias para chamar a atenção das pessoas à importância destas verdadeiras obras de arte em concreto armado.



Série Redenção – “Ruínas”, Jessica Couto, 2009



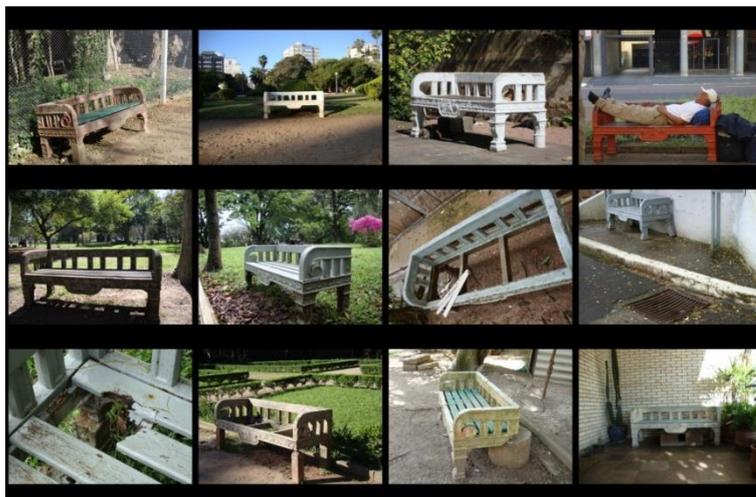
Série Redenção – “Cotidiano”, Jessica Couto, 2009



Série Redenção –“ Cotidiano II”, Jessica Couto, 2009

1.2 Coleção, Fragmento e Destruição

Atualmente nossos exemplos de resistência são os bancos de concreto espalhados pela cidade que constituem em si o fragmento da ação praticada naquele antigo local. São fragmentos da ação praticada de contemplar e apreciar o que esteja a sua volta. Sendo fragmento um pedaço de coisa que se quebrou, parte de um todo, resto de uma obra artística cujo maior parte se perdeu. (Houaiss, 2009)



“Fragmentos”. Jessica Couto, 2009

Escombros, destroços e ruínia completam de significado histórico-cultural todos os lugares por onde passei para fotografar. Sejam as pessoas

caminhando no Parque Farroupilha, seja uma exposição de arte nos Jardins do DMAE. A presença destas ruínas (conjunto de ruínas) sempre vão remeter às retretas da Banda Municipal como era aos domingos na década 1930 a 1960 em Porto Alegre.

Passei a percebê-los como uma coleção que tem por origem uma série. Simbolicamente pretendo constituir um álbum de retratos. No livro História e Fotografia de Maria Eliza Linhares Borges (no cap.II Tradição e Modernidade na mira dos Fotógrafos) ela refere-se à confecção de retratos na fotografia como “um desejo de transcender o anonimato erigido pelo ritmo voraz da modernidade”. Dessa forma, a coleção fotográfica dos bancos serviria para comprovar a existência do espaço que existiu, além de alimentar a memória individual e coletiva da cidade.

Em nosso cotidiano estes personagens/bancos são como um detalhe que pode ser percebido ou não pelo nosso olhar. A peculiaridade de seus ornamentos e constituição contribui para chamar a atenção, bem como sua repetição completa o sentido em algumas praças, parques e museus da capital. Os bancos do antigo Auditório Araújo Vianna são um detalhe da nossa história cultural que provoca estranheza e inquietude. Ouvi comentários: “Aqueles bancos estranhos?”, “Ah...aqueles bancos bonitinhos!”. E nos fazem pensar na destruição de um espaço/lugar e no tempo que eles registram.

Para Walter Benjamin (1985, p. 232-239) fala sobre destruição: “O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas, por isso mesmo, vê caminhos por toda a parte. Mesmo onde os demais esbarram em muros ou montanhas, ele vê um caminho. Mas porque vê caminhos por toda a parte, também tem que abrir caminhos por toda a parte. Nem sempre com força brutal, às vezes, com força refinada. Como vê caminhos por toda a parte, ele próprio se encontra sempre numa encruzilhada. Nenhum momento pode saber o que trará o próximo. Transforma o existente em ruínas, não pelas ruínas em si, mas pelo caminho que passa através delas.”

Esse trecho reproduz o sentido da dispersão dos bancos pela cidade. Esses monumentos do cotidiano estão por toda parte e adquirem um novo sentido quando se toma conhecimento do detalhe cultural que ele representa.

Como na arte, o conceito de Antropofagia está ligado à apropriação do que não é nosso. As Tendências Artísticas das Vanguardas na Semana de Arte Moderna de 1922 trabalharam nesse tema. Reelabora-se e cria-se algo peculiar e

autônomo. Podemos dizer que a praça de espetáculos ao ar livre foi engolida pela arquitetura moderna, uma caixa de concreto e mármore que é o Palácio Farroupilha. E regurgitou o que era simbolicamente as sobras: os bancos por todos os lados. O espaço de pausa e apreciação do tempo e dos espetáculos possibilita agora esta ação, através das sobras do processo, em diversos lugares da cidade.

No trecho, uma opinião de quem apoiava a construção do Palácio Farroupilha naquela localidade:

O povo pode ficar privado por algum tempo de um auditório, que não usa todos os dias, aliás, devia ser mais freqüentemente usado do que tem sido. mas os representantes do povo precisam de, sem mais tardança, dispor de uma casa à altura da magnitude de sua função representativa.

Correio do Povo, 09-06-60, p.4

Neste caso de antropofagia, engolimos algo nosso para construir o moderno, as tendências da arquitetura inovadora. Importante foi, e continua sendo, o desenvolvimento sempre constante do campo da arquitetura. Mas muitos outros lugares eram passíveis de abrigar a nova construção. Foi uma escolha feita pelos nossos administradores políticos, em virtude da valorização do espaço nobre. O espaço da cultura em questão foi deslocado para outro espaço, que correspondia melhor a sua função, escolhido por ser conhecido pela população e ter fácil acesso: o Parque Farroupilha.

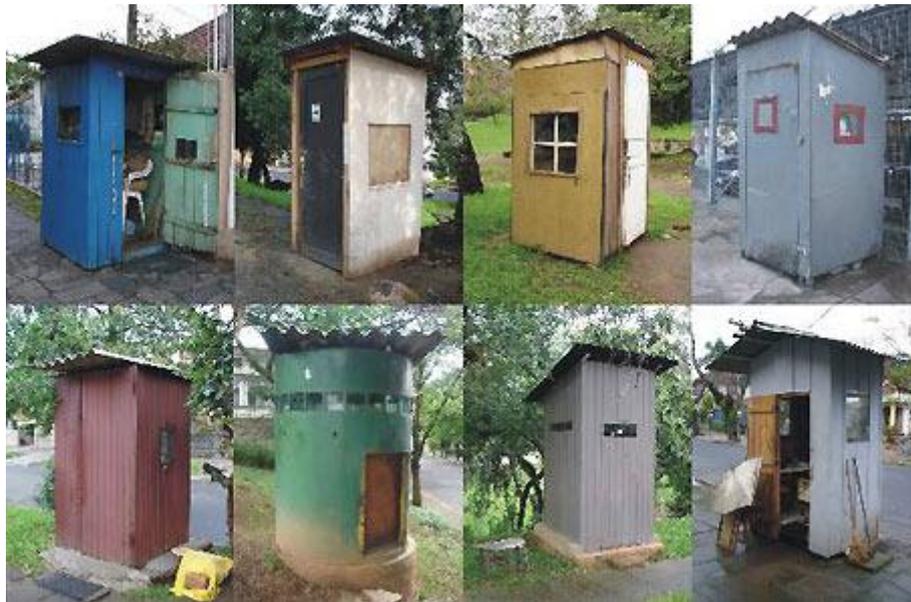


Assembléia Legislativa do RS, 1958 Foto: Calovi (<http://www.flickr.com/photos/calovi/3374412284/>)

Atualmente há uma preocupação preservacionista do patrimônio histórico por entidades como IPHAN, Coordenação da memória Cultural da Prefeitura. Todos criados tardiamente, de modo que não impediram a destruição de muitos prédios e construções. Logo, todas as polêmicas subsequentes a estes assuntos contribuem para um marcar na consciência entre cidadãos e poder público sobre o valor da memória, da arte, da história e de seus testemunhos materiais.

2 APROXIMAÇÕES ENTRE A DISPERSÃO DOS BANCOS E O PROCESSO ARTÍSTICO

2.1 Guaritas e Bancos: vestígios do tempo



“Guaritas”

Foto: Elaine Tedesco

Imagem: (www.galerialeme.com/images/expo/55_212.jpg)

A referência que faço ao trabalho denominado *Guaritas* (98-2001) de Elaine Tedesco, aproxima-se da minha pesquisa na etapa do processo de colecionar imagens de objetos pela cidade (os Bancos), eles adquiriram uma mesma função, mas são distintos entre si por causa da sua localização e seu estado patrimonial. O processo de busca também se aproxima a partir da ação de múltiplos

deslocamentos pela cidade e registro mental dos lugares a serem fotografados e pela subordinação da opção plástica a uma idéia, tema recorrente na arte contemporânea.

A artista Elaine Tedesco coleciona imagens de guaritas de segurança espalhadas pela cidade, que podem ser reconhecidas como casas nas quais não se pode dormir ou caixas que marcam territórios. Seu trabalho nos apresenta a diversidade de materiais que constituem essas construções e As Guaritas “possuem um padrão de configuração vertical e estreita com um valor social que levanta questionamentos sobre preocupações sociais, segurança coletiva e a capacidade de transformação da cidade” (TEDESCO, 2009).

O estado material conservado ou não dos bancos também expressa o cuidado ou o desleixo pelo uso e pelo tempo bem como acontece com os registros das guaritas. São objetos imersos no cotidiano urbano, mas distintos na origem temporal. Os bancos feitos no início do século sofrem depredações e são sempre situados em localizações com áreas verdes e que predisponham a necessidade de se sentar. As guaritas em si devem localizar-se num lugar estratégico para a boa observação do guarda.

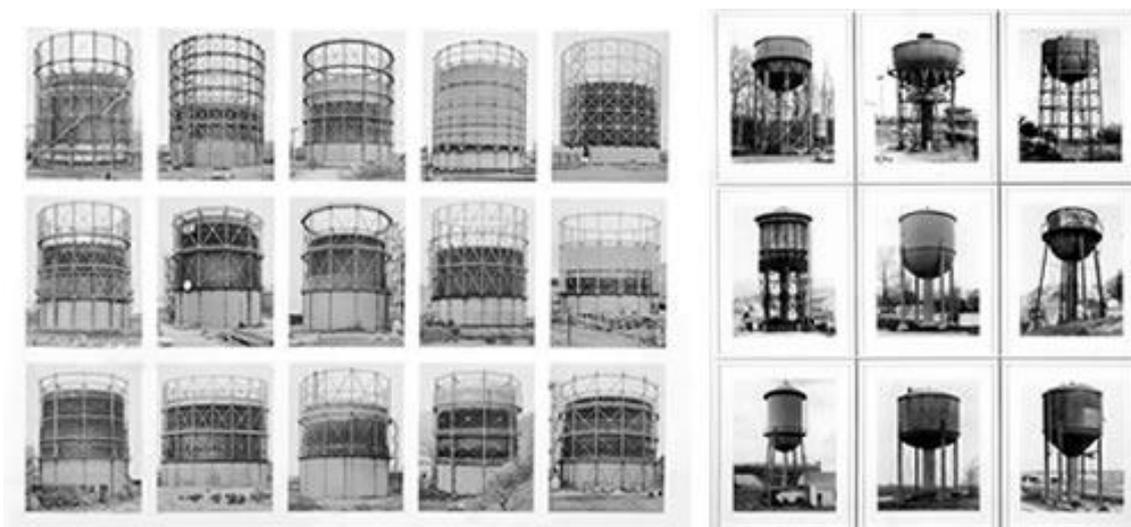
2.2 Bernd & Hilla Becher

A maneira de repetição do objeto fotografado evoca a idéia de arquivo, de arqueologia através da ação de recuperar vestígios do passado. A percepção de catálogo através do conjunto de fotos fez referencia também à obra de Bernd e Hilla Becher que possuem um trabalho de recuperar através da fotografia preto e branco as arquiteturas industriais obsoletas de: caixas d'água, torres de usinas, celeiros entre outras.

Nós simplesmente pensamos que poderíamos ser consideravelmente mais pobres na Europa se nós não tivéssemos as ruínas de épocas anteriores. Ainda é possível experienciar o período Gótico, para não mencionar o Romântico. Apenas nada resta da era industrial. Então, nos pensamos que nossas fotografias poderiam dar ao observador a chance de voltar no tempo que se foi para sempre.

(Bernd Becher apud TEDESCO, 2009)

Semelhante ao que representam os bancos de pedra espalhado pela cidade, eles representam um sistema de busca de um tempo, uma época que minhas fotos buscam salvar na contemporaneidade. Acrescento a eles os elementos de cor, de aspectos atuais.



Hilla e B. Becher: Gasômetros (Bélgica, Alemanha, Inglaterra, EUA - 1965-1992) e Caixas d'água (Bélgica, Alemanha, França, Itália - 1966-1986)
<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/artes/0011.html>



Eugene Atget < <http://mariagimenez.wordpress.com/2008/11/>>

Há toda uma vertente de fotógrafos iniciada com Atget que preocupa-se com a arquitetura da cidade. Particularmente nas minhas ações de registro fotográfico, recomponho a cidade através destes personagens-objetos, os bancos. Numa ação recíproca de observação, vivemos a cidade como personagens. De

certa maneira, procuro esses bancos em todas as praças e jardins. Como se todas as áreas verdes da cidade pudessem conter um vestígio, na presença de um banquinho do Araújo.



Série Otávio Rocha. Jessica Couto, 2009

2.3 Ruínas: Matta Clark e Fernanda Manea

O elemento arquitetônico que foi destruído e propiciou a construção em série dos bancos foi a concha acústica, cujo projeto foi elaborado por José Wiederspahn e Armando Boni.

A construção de um espaço planejado pelo governo municipal aproxima-nos da arquitetura, das construções públicas e espaços urbanos. Nas perspectivas atuais enxergamos resquícios do passado em condições precárias com intuito de instigar nossa memória. Neste caminho se entrecruzam trabalhos que abordem os conceitos de ruínas e subvertam os conceitos de arquitetura como os trabalhos de corte, negativos e incisões praticadas por Matta Clark.

Também a artista visual Fernanda Manea utiliza-se de espaços já descaracterizados da sua função habitual em meio a escombros e destroços colando seus desenhos e chamando atenção para detalhes não comuns. Através da intervenção, a artista exalta a ruína como alegoria da impermanência à qual tudo está submetido.

Além de uma ruína e de exemplares de uma destruição maior – a concha acústica - os bancos de concreto do antigo Auditório são vivos e resistentes através de sua função ainda bem aproveitada e reciclada com inúmeras adaptações que os serviços de manutenção realizam. Alguns estão quebrados, com sua armação e pinturas gastas a mostra e ainda acomodam com respeito seus usuários. Este trabalho demonstrou ser uma busca de ruínas pela cidade. Ruínas significativas de sentido, cor e forma. Já sofreram incisões e cortes do tempo como fazia Matta Clark quando provocava as arquiteturas quase demolidas. Minha intenção é dar esse corte de tempo e registrar o que resta da série que ilustrava a Praça da Matriz entre a década de 30 e 60.



Intervenção - Fernanda Manéa, setembro, 2009
(<http://intervencaourbana.blogspot.com/>)



Interior dos cortes da construção/demolição de Conical Intersect
Imagem: (<http://agentsofurbanism.com/2008/06/is-rem-koolhaas-channeling-gordon-matta-clark/>)



Série Redenção – “ Ruínas II”, Jessica Couto. 2009

3 O TRABALHO COMO PROCESSO

“O que conta não é mais o quadro, a imagem final, a forma e a materialidade das coisas, mas sua elaboração conceitual, a idéia que preside a criação, os procedimentos segundo os quais as obras são organizadas.” Edmond Couchot, 2003.

A elaboração conceitual do projeto ocorreu em agosto deste ano. Houve uma linha norteadora do trabalho logo no início: registrar o maior número de bancos de concreto que se dispersaram após a destruição do auditório em suas variadas localizações. Procurei criar um sistema, um princípio, um programa, para desenvolver minha ação plástica.

Há um bom tempo este fragmento da história cultural de Porto Alegre fazia parte do meu arquivo mental. O processo de procura ocorria naturalmente, mas era uma curiosidade urbana que em momentos apropriados era compartilhada. A idéia de tornar explícita a aura de ausência e nostalgia que os acompanham veio ao encontro deste projeto.

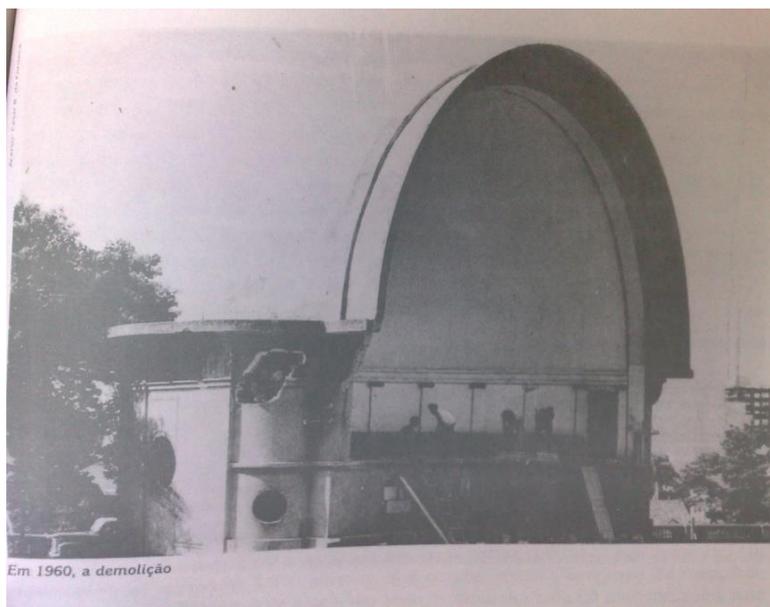
A próxima fase partiu da necessidade de reencontrá-los com um novo olhar e objetivo específico. Observar em demasia e com exaustão suas semelhanças, diferenças estruturais e físicas como um arqueólogo. Procurei refletir seus significados para a cidade e para quem os utiliza na atualidade: usuários de praças e parques.



Série Redenção – “Cotidiano III”, Jessica Couto. 2009

Além disso, busquei refazer a trajetória dos bancos investigando informações nas Secretarias de Porto Alegre – Meio Ambiente, Cultura, e de Planejamento. Foi extensa a movimentação prática de busca de contatos, telefones, bibliotecas, e órgãos públicos.

3.1 A destruição como fragmento da dispersão



A destruição da Concha - TOMASI; DEROSSO, 1994

A dispersão como processo acompanha o conceito artístico de antropofagia. Tendo em conta que há um paradoxo implícito na destruição de seu espaço. O moderno Palácio Farroupilha que ocupou o espaço reservado às apresentações artísticas da cidade engoliu de forma metafórica tudo que ali existia. Desde a apropriação popular até o aspecto visual da Praça da Matriz que a distinguia de outras praças.

Para Walter Benjamin "O caráter destrutivo conhece apenas um lema: criar espaço; só uma atividade despejar. Sua necessidade de ar fresco e espaço livre é mais forte que todo ódio". No entanto, a partir do momento em que houve a reordenação destes bancos em diferentes áreas da cidade o espaço que o auditório ocupava multiplicou-se. Como um fragmento, uma ruína, ele nos lembra a todo instante o que existiu- uma concha acústica de concreto armado com ambiente de concertos musicais ao ar livre. Uma canção que teve tempo limitado de duração. [ANEXO 2]

3.2 A recuperação:

3.2.1 De arquivos

A escolha de recompor um ambiente, que sugestione a procura e a pesquisa, relaciona-se com processo artístico desenvolvido ao longo deste projeto. Os arquivos históricos, dados precisos e informações da época funcionaram como uma espécie de cenário, uma pintura que dá cor e valoriza a mensagem, o pensamento que se deseja construir com a obra artística.

Todas essas informações arrecadadas em saídas de campo para contagem dos bancos e averiguações junto aos órgãos públicos responsáveis constituiu um caminho de apropriação da cidade.

O trabalho exigiu um fluxo entre os sistemas de informações que possuem o objetivo de preservar, sistematizar e divulgar as informações. Mesclando-se com arte que também carrega e transmite informações e sentidos no campo da expressão. Assim sendo, a organização expositiva vai atrair o movimento e a interação do público na busca do arquivo visual arrecadado ao longo desses meses de pesquisa, norteado pelo arbítrio de uma regra de busca e seu cumprimento.

3.2.2 Arqueológica

Em virtude desta pesquisa, retomar um período do passado e vasculhar elementos que restaram de um complexo maior, as aproximações com a ciência que estuda monumentos e vestígios de civilizações antigas podem ser realizadas. Do grego *arkhaiologia*, Etimologicamente significa “ciência do antigo”. Aponta para um estudo sistemático dos monumentos e obras de arte deixada pelas antigas civilizações. Larrousse Cultural (1999, p.431)

A cidade, sendo um elemento em constante mutação, nos deixa vestígios, indícios, resquícios de como ela foi um dia. O processo deste trabalho tem como ponto imprescindível tornar presente os restos de uma aura - que abrangia todas as

características de uma urbanização preocupada com embelezamento da cidade - que nossa capital presenciou no início do século XX.

3.3 A exposição

As fotos constituem amplo número de olhares que detive sobre o estado material (constituição física) em ruína e a composição do cenário/lugar (Esclareço o sentido de cenário pelo aspecto de presença de uma história é recontada através que através dos bancos, de sua presença.) em que eles estão presentes.

Escolhi criar pastas arquivos que organizam os dados do projeto e possibilitam o contato com o processo de encontro e detalhes visuais dos bancos, o sentido do mapa integral de Porto Alegre propõe a ação de repensar e observar, a cidade e nossa inserção dentro dela. No mapa, em questão, foram sinalizadas as localizações dos bancos e suas quantidades.

Uma fotografia de expressiva proporção e lembrando um grande retrato do espaço, no qual todo o trabalho faz referência, foi reproduzida logo acima deste arquivo de aço com três gavetas.

A manipulação livre e sem restrições às pastas e materiais como cópias xerografadas de documentos faz compreender a proposta de reproduzir a ação executada pela artista durante o processo de pesquisa e prática fotográfica.

CONCLUSÃO

O trabalho descritivo desenvolvido neste projeto apresenta conclusões parciais no âmbito prático investigativo. A busca pela coleção aqui retratada não terá término. Conforme depoimento da Arquiteta Ana Maria Godinho Germani não há contabilização oficial destes bancos e eles estão nas casas das pessoas em todos os lugares. A obra desenvolvida será sempre inacabada pela impossibilidade de se conhecer o exato número de bancos que ainda restam.

Transitar nos meios que nos fornecem conhecimento e preservam nossa história foi uma espécie de verificação de como está arquivado nosso patrimônio cultural. Constatando que a presença de profissionais interessados no próprio trabalho contribui para o desenvolvimento da engrenagem cultural.

Entre os procedimentos que foram abordados na ação fotográfica compreenderam uma prática artística multidisciplinar. O artista como protagonista de seu tempo e cidadão quando retoma aspectos relevantes a toda sociedade, e quando subordina a sua ação plástica a uma idéia. [ANEXO 3]

Esses procedimentos possibilitaram uma criação mental de diferentes papéis na sociedade: médico ao querer consertar os pés dos bancos; arqueólogo ao descobrir detalhes nas estruturas de concreto, bióloga identificando espécies perdidas e não registradas. Estas foram algumas das minhas relações que corresponderam ao processo artístico como metáfora da criação de um sistema.

As fotografias dos banquinhos do Auditório Araújo Vianna, da década 30, em seu novo tempo no ano de 2009 são arquivos saídos do subterrâneo prontos para reivindicar um olhar. Carregam um pensamento de resistência como marcas deixadas por algo que desapareceu. A presença da ausência desses bancos, pretendem, de alguma forma, transformar nosso olhar e conhecimento sobre esta cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A HORA. **Auditório Araújo Viana**. Porto Alegre.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. Trad. Celeste

BENJAMIN, Walter (1995). **Obras Escolhidas, Vol. II: rua de mão única**. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense.

BISSON, Carlos Augusto. **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da Universidade1, 1993. 206 p.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. 2. Ed. Porto Alegre: Autêntica Editora, 2008. 136p.

BONI, Fábio; GÉA, Lúcia Segala; ROSSARI, Tânia Torres. **A obra de Armando Boni na Porto Alegre do início do século XX**. Cadernos de arquitetura Ritter dos Reis, Porto Alegre, v.3, p.347-354, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 11ª Petrópolis RJ, Vozes, 1994

CIDADE, Daniela Mendes. **A cidade revelada: a fotografia como prática de assimilação da arquitetura**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 215f. Tese (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

COUCHOT, Edmond. **Associar o expectador à criação**. In: _____. A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual. Trad. Sandra Rey-Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Cap. 117-124.

GERMANI, Ana Maria. **O Parque Farroupilha: ensaio sobre a evolução do projeto paisagístico**. Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Arquitetura, 2002. 19 p. Disponível em: <
http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=207> Acessado em set/2009.

H.M. **Ribeiro de Sousa (et al.)**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986. pp. 187-188

HOUAISS A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, 1.ª ed, Rio de Janeiro: Objetiva; 2009

IPHAN. **Instrução para o tombamento dos conjuntos da Praça da Matriz e da Praça da Alfândega**. Porto Alegre, 2000; SEC; SMC. 96p. Il.foto. Collor. mapa

LIMA, J.C. Cavalheiro. **Araújo Viana: vida e obra.** Porto Alegre: Divisão de Cultura, 1956. 115 p.

FELIZARDO, Zoleva Carvalho; VILLANOVA, Isolda Michelena. **O que ler para conhecer Porto Alegre.** 1ª Porto Alegre: Editora da Universidade, 1991.

MANÉA, Fernanda. **Sobreposições e desdobramentos: intervenções em espaços urbanos.** Porto Alegre: UFRGS 2008. 33 f. Projeto de Graduação Ênfase: Desenho – Departamento de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MARQUES, Sérgio Moacir. **O anfiteatro, a foice e o martelo, o O.V.N. I e o guarda-chuva:** Vida e sobrevida do Auditório Araújo Vianna. Anais do 7º seminário do. co.mo.mo_Brasil. 2007. Porto Alegre Disponível em: <
<http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/070.pdf>>

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Porto Alegre.** Porto Alegre: Imprensa Oficial, V.I e II, 1945.

PROPAR/UFRGS. **“Positivismo: Arquitetura de Porto Alegre no período positivista”** do Memorial do Rio Grande do Sul, 2007. 28 p.

Secretaria Municipal de Cultura. Memória. Casa Boni, Cultura. Porto Alegre, 2009. Acesso em: dez/2009 <
http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/historico_casa_boni1.pdf>

SOUZA, Celia Ferraz de. **Plano Geral de melhoramentos da cidade:** o plano que orientou a modernização da cidade. 1ª Porto Alegre: Armazém Digital, 2008. 270 p.

TEDESCO, Elaine Athayde Alves. **Passagens e desdobramentos entre o repouso e o isolamento na constituição de uma poética visual.** Porto Alegre: UFRGS, 2002. 126 f. Tese (Mestrado em Poéticas Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002

TEDESCO, Elaine Athayde Alves. **Um processo fotográfico em sobreposição no espaço Urbano.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. 218 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

TOMASI, Elisabeth, DEROSSO, Simone Graciela. **Auditório Araújo Vianna – 30 anos, Porto Alegre,** Unidade Editorial, 1994

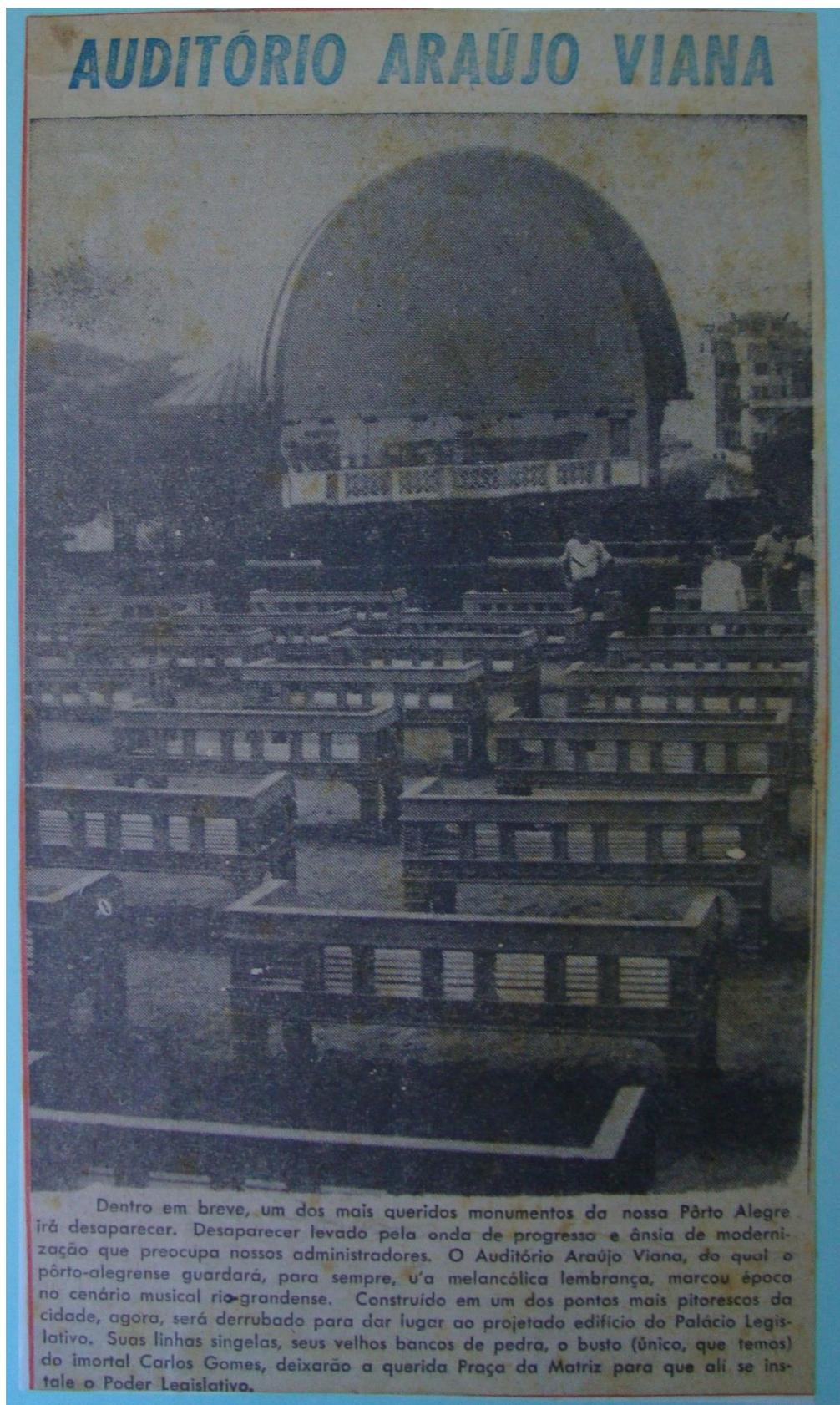
Zero Hora. **Araújo Viana tem longa história.** Porto Alegre, 07 março 1969

ZIELINSKY, Monica. **Eduardo Vieira da Cunha:** Dos arquivos às colagens e às apropriações. Porto Alegre: Margs, 2003. p. 103

ANEXO 1

BANCOS ENCONTRADOS	
Parque Farroupilha (Redenção)	37
Parque Moinhos de Vento (Parcão)	1
Praça José Montaury e DMAE	25
Museu Julio de Castilhos	2
Museu de Porto Alegre	3
Praça Julio de Castilhos	22
Hospital Geral de Porto Alegre	13
Creche cidade baixa	3
Creche na Bento	1
Prédios na Ipiranga	4
Agronomia	13
Praça Andradas	1
Solar dos Câmaras	1
Divisão de Patrimônio e Conservação e SMAM (Centro)	7
Praça Otávio Rocha	13
TOTAL DE BANCOS	146

ANEXO 2



ANEXO 3

O auditório ausente. Zero Hora, Porto Alegre, 28 novembro 2009.
Caderno Cultura p.3

O auditório ausente

Ao mapear o paradeiro de 500 bancos de concreto do Auditório Araújo Viana original, na Praça da Matriz, trabalho acadêmico expõe lacunas incômodas para a história da cultura gaúcha

Se a Bienal do Mercosul deixa um debate em aberto, esse sem dúvida é o que envolve a participação do artista como elemento político, aquele que contesta e propõe questionamentos. Esta sétima edição poderá ser lembrada pelo contraponto com a polêmica do artigo publicado pelo historiador Voltaire Schilling em Zero Hora, que, embora não se referisse diretamente à Bienal, questionava a contribuição que artistas como Henrique Oliveira (autor da intervenção Tapume, na Rua da Praia), Saint-Clair Cemin (autor da Supercuia, escultura próxima ao Parque Maurício Sirotsky Sobrinho) e outros participantes desta e de outras Bienais teriam trazido a Porto Alegre em termos de obras públicas. Embora confundindo intervenção e obra pública, Schilling classificava esses trabalhos com o termo “abominações”.

O debate rendeu acalorada discussão. Talvez mostrem-se nesse caso – expostas e aparentes – as próprias fraturas que propõe a arte contemporânea no corpo da cidade: a que provoca e faz pensar sobre a relação entre vida e a arte e a que mostra que a arte muitas vezes se afirma através daquilo que não é propriamente arte.

Um trabalho de graduação apresentado pela artista Jéssica Couto no Instituto de Artes da UFRGS propõe um singelo movimento ao contrário dessa polêmica: ela convida a dirigir um olhar não apenas para o que surge nos espaços públicos, mas para os fragmentos deixados por aquilo que desaparece, buscando uma substituição: a da presença anunciada pela ausência. O olhar da artista se fixou em uma coleção formada por cerca de 500 bancos, projetados e executados em concreto na década de 1920 pelo arquiteto Arnaldo Boni, construtor, em conjunto com o engenheiro José Wiederspahn, do primeiro Auditório Araújo Vianna, demolido na década de 1960. Os bancos do antigo auditório encontram-se hoje espalhados pela cidade, como se fossem pequenas ruínas. A artista localiza nesses monumentos a capacidade latente de documentar e recompor uma parte da história

da cultura de Porto Alegre que desaparece. E que se anuncia pela ausência através de uma presença iminente.

O trabalho sugere uma leitura sobre um segundo desaparecimento: o do “novo” auditório, inaugurado na década de 60 e interditado ao público há quase cinco anos. Nova ausência marcada pela lona da cobertura rasgada, condenada ao desaparecimento desde 2002, conforme os laudos da prefeitura municipal.

O primeiro desaparecimento do Auditório Araújo Vianna foi o daquele construído na administração do prefeito Otávio Rocha, há pouco mais de 80 anos. Ocupava um terreno de esquina, em frente à Praça da Matriz. A área, que se estendia da Rua Duque de Caxias até o Theatro São Pedro tinha uma concha acústica e um anfiteatro ascendente para 2 mil pessoas. O conjunto desses bancos focados hoje pela artista ficava distribuído entre as árvores e pérgolas, e todo o projeto fazia parte da remodelação e humanização da cidade ocorrido nas décadas de 20 e 30. Junto com o auditório, criou-se a Banda Municipal, cujo primeiro maestro foi José Corsi. Ele precisou arregimentar músicos bem longe daqui: na Itália. Walter Spalding conta que, duas a três vezes por semana, a partir de 1926, havia música no auditório, reunindo um repertório clássico e popular. Foram os músicos dessa banda os primeiros integrantes da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa), fundada quando Ildo Meneghetti era prefeito da Capital. O primeiro auditório foi demolido na década de 1960 para dar lugar à nova Assembléia Legislativa. Um novo auditório com o mesmo nome foi construído no Parque Farroupilha. Inaugurado em 1964, acabou também desaparecendo, pelo menos em sua função: a de atrair o público.

Jéssica realizou um exaustivo trabalho de fotografia e busca de grande parte desses 500 bancos, que começaram a ser retirados em 1962 do primeiro auditório do centro de Porto Alegre. A maioria deles foi parar nas vias de pedestres e recantos do Parque Farroupilha, onde se encontram até hoje. Outros estão na Praça Otávio Rocha, nos Jardins do DMAE, na Praça Júlio de Castilhos, no bairro Moinhos de Vento e até mesmo no Campus da Agronomia da UFRGS.

O trabalho da artista levanta uma questão: pode um fragmento de algo recompor a idéia de um todo, que se encontra ausente? Pode um fragmento chamar a atenção para e pela ausência? A história dos bancos do Araújo Viana lembra o mito da Mona Lisa: o famoso quadro de Leonardo Da Vinci teria se tornado famoso

justamente por uma condição de ausência. Mais de 400 anos depois de ser pintada, a Gioconda era apenas mais um entre centenas de quadros do Louvre e não chamava nenhuma atenção especial aos visitantes. Até que em 1911, Vincenzo Peruggia, ex-funcionário do museu, resolveu roubá-la. Ele retirou a pintura da moldura, enrolou a tela e passou tranquilamente pela porta de saída. A moldura e o chassis foram encontrados nas escadarias do Louvre, sendo recolocados no mesmo lugar que ocupavam – sem a pintura, é claro. A tela vazia começou a atrair os visitantes, que faziam fila para ver o que havia sobrado do roubo.

Muita gente foi presa e/ou interrogada por suspeita da autoria do delito. Gente famosa: até o pintor Pablo Picasso e o poeta Guillaume Apollinaire estiveram detidos para investigações. Peruggia só foi descoberto e preso porque falou para alguém sobre a tela, dois anos depois do roubo. A polícia descobriu a Mona Lisa em sua cama, sob o colchão. A ironia da história é que o fragmento que sobrou do quadro, representado pelo chassis e a moldura vazios – teria tornado a obra célebre. Tudo através de uma ausência.

É o mesmo papel que Jéssica Couto tenta dar aos bancos do velho Araújo Vianna. Uma ausência anunciada pela presença desses fragmentos nas praças e parques da cidade. Sabemos que o novo Araújo está fechado há um bom tempo, esperando por uma reforma. O trabalho da artista aponta para a ausência desse novo/velho auditório, chamando a atenção para a necessidade de sua presença novamente entre nós.

Eduardo Vieira Da Cunha, Artista Plástico
Professor do Instituto de Artes da UFRGS